

Apoio: Direção Regional da Cultura Entidade Promotora: Cresaçor Entidades Parceiras: Instituto Cultural de Ponta Delgada | Instituto Histórico da Ilha Terceira | Núcleo Cultural da Horta Conselho Editorial: Pedro Pascoal de Melo Conselho de Redação: Pedro Pascoal de Melo, Célia Pereira, Marta Bretão e Guilherme Pinto de Sousa

Ermida de Santo André, da Ribeira Grande: história e património

A mais antiga notícia alusiva à existência de uma ermida dedicada a Santo André—o apóstolo cristão, irmão de São Pedro—, na cidade da Ribeira Grande, remonta ao século XVI: quando o cronista Gaspar Frutuoso (1522-1591), na sua obra *Saudades da Terra* (Livro IV, Cap.º 46), descreve os primórdios daquela urbe e a enumera entre os templos então ali existentes; ou, ainda, o 7.º bispo de Angra, D. Pedro de Castilho, em 1580, após visita pastoral, manda «na ermida de Santo André por uma cortinas para cobrir o retábulo [...] pincelar a ermida e fazer chão dela raso e igual»; e, dois anos mais tarde, em 1582, após nova visita, ordena que «quanto à ermida de Santo André, se a não quiserem ornamentar, como temos mandado, a arrasarão por terra e no seu lugar porão uma cruz por memória», conforme refere Ernesto do Canto (1831-1890) na *Notícia sobre as Igrejas, Ermidas e Altares da ilha de S. Miguel*. A tradição local também assevera a sua ancianidade e a do pequeno largo onde se insere, ao reputar este conjunto urbano como sendo o núcleo fundacional da Ribeira Grande.

No entanto o templo que hoje conhecemos não remonta àquela época mais sim ao século XVII, cerca de 1648, quando foi reconstruído às expensas de Lourenço de Medeiros Chichorro, segundo notícia existente no Tombo da Matriz da Ribeira Grande. Desse período data a inscrição, existente à entrada do templo, que afirma «É de pedra e não de abóbora», atestando a qualidade da sua edificação, feita em alvenaria de pedra aparelhada e não de simples pedras arredondada pela erosão da água, arrebanhadas na ribei-



ra ou no mar ali próximos, e a que o povo chamava comumente de «abóboras». A visita pastoral de 1696 assinala que a ermida está «feita de novo com muita perfeição, louvando muito o zelo dos que por sua devoção fizeram a obra à sua custa de dispêndio e de trabalho [...] necessita só que se ponha remate no retábulo e de que se façam cortinas de pano para ele e para o tempo da quaresma e do advento, uma alva e amito arrendada, para os dias de festa», e reafirma a sua vetustez dizendo que «a fundação da dita ermida é antiquíssima e não consta da fábrica de que foi dotada». É um edifício de planta retangular, composto por nave única e capela-mor, sendo esta mais estreita e apenas da profundidade do altar e separada daquela por arco triunfal de volta perfeita. Tem adossado à fachada lateral direita uma pequena sacristia, com a qual comunica através de dois arcos de volta perfeita assentes sobre pilares e coluna central. A fachada principal do templo está voltada a oeste; sendo marcada por cunhais, enci-

madoum por pináculo e outro por campanário; e terminada em empena, com friso e cornija e coroada por cruz latina. O portal nela rasgado é de lintel duplo e cornija, rematado por dois pináculos embutidos nos extremos e tendo no eixo central uma pedra quadrangular com uma *suástica*, símbolo do fogo e da justiça divina, encimada pela *lança de Longinus*, instrumento da paixão de Cristo que figura emblematicamente a água do Batismo e o sangue da Eucaristia, derramados por Aquêle no momento da sua morte. No seu interior conservou-se, até ao início do século XX, um importante tríptico representando Santo André, com Santa Bárbara a um lado e Santa Catarina de Alexandria a outro; pintura sobre tábuas atribuível ao século XVI, de autoria desconhecida e de provável origem flamenga, que ornava o retábulo do altar-mor da ermida (quicá aquele mesmo para o qual o bispo D. Pedro de Castilho ordenou a feitura de cortinas) e que hoje está resguardado na sacristia da vizinha Igreja Matriz de Nossa Senhora da Estrela, integrando

um pequeno núcleo de arte sacra. O santo é representado apoiando-se com a mão direita à cruz em aspa do seu martírio e tendo na esquerda um livro que lê. As santas são figuradas com seus atributos: Santa Bárbara com a palma dos mártires e a torre onde foi encerrada pelo pai antes de ser degolada; Santa Catarina segurando um livro e uma espada nas mãos, e com a roda do seu martírio aos pés. Uma natureza minuciosamente delineada e colorida envolve as três figuras, trazendo-as para um mundo real e unificando a leitura da sua representação. As tradicionais Cavalhadas de São Pedro, que se realizam na Ribeira Grande no dia comemorativo daquele santo, 29 de junho, visitam sempre no seu percurso esta ermida, por via da irmandade dos dois santos.

PEDRO PASCOAL DE MELO
Instituto Cultural
de Ponta Delgada



Governo dos Açores
SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E CULTURA
Direção Regional da Cultura

INFORMAÇÃO ÚTIL

LOCALIZAÇÃO:

Largo de Santo André, cidade da Ribeira Grande, ilha de São Miguel.

COORDENADAS GPS:

37°49'32"N - 25°31'15"O

OUTROS LOCAIS DE INTERESSE NAS REDONDEZAS:

Paços do Concelho (séc. XVI-XVII); Igreja Matriz de N.ª S.ª da Estrela (séc. XVII-XIX); Igreja de N.ª S.ª da Conceição (séc. XVIII); Igreja do Espírito Santo e Hospital da Misericórdia (séc. XVII-XVIII); Passos da Via Sacra (séc. XVIII); Igreja de Nossa Senhora do Guadalupe/Museu Vivo do Franciscanismo (séc. XVII-XVIII); Museu Municipal; Museu Casa do Arcano; Museu da Emigração Açoriana; Arquipélago Centro de Artes Contemporâneas; Mercado Municipal (séc. XIX); Ponte dos Oito Arcos (séc. XIX).